

Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido, e sei também ter abundância; em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade (Filipenses 4:11,12)

É comum definir a alegria como um sentimento de viva satisfação. E é normal colocá-la em oposição a tristeza e a frustração. Notamos a felicidade nos sorrisos abertos, nas gargalhadas e nos semblantes vigorosos.

E percebemos a aflição nas caras fechadas, nas lágrimas, nas testas franzidas e nos semblantes caídos. Aprendemos que alegria é ganho e tristeza é perda. E com essa concepção de realidade corremos atrás da alegria como alvo e evitamos chorar com o próximo. Temos a felicidade como uma ferramenta de competição e moeda de troca. Ser feliz se tornou uma ostentação. Praticamente um status espiritual sustentado de aparência, que precisa ser mantido para um bom convívio social e cargos a serem preservados.

Antes de conhecer o seu chamado, Paulo era totalmente realizado nos padrões de vida de sua cultura. Mas considerou tudo perda, por causa de Cristo, quando o conheceu. (Filipenses 3:5-7) claramente a alegria, como meta de vida não era mais o seu alvo, mas o que considerou como prêmio, foi alcançar a concretização do seu chamado. (Filipenses 3:14)

A busca pelo cumprimento dessa soberana vocação foi o segredo do contentamento de Paulo, que considerou a si mesmo capaz de estar feliz em qualquer situação: sendo abatido ou próspero, tendo fartura ou fome, padecendo necessidade ou vivendo em abundância.

A alegria não é o alvo do cristão eleito para o Reino de Deus. A vida em função da busca da autossatisfação nos faz amar a própria vida. Pois aquele que ama a sua vida, a perderá. (João 12:25)

A verdadeira alegria é uma virtude do Espírito Santo, como consequência de quem não vive mais para si mesmo, mas para Cristo. Se obedecemos a sua vontade, encontramos na alegria do Senhor, vigor (Neemias 8:10) uma vez que agradamos ao Senhor que habita em nós. (Gálatas 2:20)

Deste modo a alegria em Cristo não é o oposto da tristeza humana, mas é o posicionamento em convicção de que a graça nos basta para alcançarmos o objetivo e superarmos a necessidade. Choramos com os que choram e compartilhamos tristezas, mas aprendemos a nos gloriar nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança. (Romanos 5:3,4) por isso é mais fácil sermos edificadas onde há luto, dor e mágoa, do que onde há risos e banquetes. (Eclesiastes 7:2-4).

Portanto Jesus não se contradiz, dizendo: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo!” (João 16:33) Pois embora as aflições se contextualizem no nosso plano físico, a alegria do cristão é resultado da liberdade que temos em não depender das circunstâncias terrenas para sermos

completos em Deus. Assim temos bom ânimo por não pertencer a este mundo, mas a Cristo, que o venceu.

Eu te convido a refletir se a graça tem sido o bastante para você, ou se você tem mergulhado de cabeça na vida procurando a felicidade tão falada, tão idolatrada. Que o Senhor te traga a convicção de que a graça dEle te basta, e te ensine que a plena felicidade, só encontrarás nEle.

Elaine Kelly de Queiroz